

A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO PERÍODO DE 2018 A 2021

*Lenira Haddad*¹ e *Claudia Denise Sacur Marques*²

Resumo

A produção acadêmica sobre a docência masculina na educação infantil está crescendo e aparecendo, assim como o protagonismo de autores homens trazendo suas experiências e vozes de seus pares. Este artigo pretende colaborar para essa discussão, fundamentado em um levantamento da produção acadêmica no período de 2018 a 2021. O recorte temporal justifica-se porque a última revisão de literatura localizada em nosso levantamento corresponde ao período de 2008 a 2017. Busca-se saber que temáticas têm sido investigadas e quais problemáticas têm sido apontadas na produção acadêmica brasileira, a partir das bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Foram achadas 18 produções acadêmicas, 17 dissertações e uma tese. As temáticas foram agrupadas em três eixos: Concepções, percepções e representações sobre docência masculina em EI; Relações de gênero e docência masculina; e Trajetórias e permanências na profissão. As principais problemáticas identificadas foram reunidas em quatro categorias: estranhamento; estereótipos e preconceitos; trajetórias e estratégias; e relações de gênero.

Palavras-chave: Educação Infantil; Docência masculina; Gênero.

BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTION ABOUT MEN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION FROM 2019 TO 2021

Abstract

Academic production on male teaching in early childhood education is growing and appearing, as is the protagonism of male authors bringing their experiences and voices from their peers. This article intends to collaborate to this discussion based on a survey of academic production from 2018 to 2021. The time frame is justified because the last literature review found in our survey corresponds to the period 2008 to 2017. Thematics have been investigated and problems have

¹Pós-doutorado em Psicologia Social no Laboratório de Psicologia Social da Universidade Aix-Marseille, França. Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da USP (1997), Mestrado em Psicologia Escolar pelo Instituto de Psicologia da USP. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Líder do Grupo de Pesquisa "Educação Infantil e Desenvolvimento Humano".

²Mestranda Em educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do Grupo de Pesquisa Educação Infantil e Desenvolvimento Humano (GPEIDH) e do Fórum Alagoano de Defesa da Educação Infantil (FAEDI).



been pointed out in the Brazilian academic production from the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) databases of the Brazilian Institute of Information in Science and Technology (IBICT) and the Capes Theses and Dissertations Catalogue. Eighteen academic productions, 17 dissertations and one thesis were found. The themes were grouped into three axes: Conceptions, perceptions and representations about male teaching in ECEC; Gender relations and male teaching; and Trajectories and permanence in the profession. The main problems identified were grouped into four categories: estrangement; stereotypes and prejudices; trajectories and strategies; and gender relations.

Keywords: Early childhood education; Male Teaching; Gender.

1. Introdução

O debate político e acadêmico sobre o recrutamento de profissionais homens na educação infantil (EI) no plano internacional foi impulsionado pelas atividades da Rede de Cuidado e Educação Infantil¹ criada em 1986, tendo Peter Moss como coordenador. Como parte do primeiro Programa de Igualdade de Gênero para oferecer às mulheres oportunidades iguais no mercado de trabalho, lançado pela União Europeia em 1982, a participação dos homens no cuidado das crianças e a conquista de uma partilha mais equitativa de responsabilidade entre homens e mulheres foram questões centrais do trabalho da Rede desde a sua fundação. O primeiro seminário para explorar a questão de homens como cuidadores de crianças ocorreu em Glasgow, Escócia, em 1990. Em 1991, a Rede criou o Grupo de Trabalho "Men as Carers" para desenvolver trabalhos nessa área, com representantes de cinco países: Bélgica, Dinamarca, Espanha, Itália e Reino Unido (EC CHILDCARE NETWORK, 1993).

Em 1992, a Recomendação sobre o cuidado e a educação de crianças do Conselho de Ministros da Comunidade Europeia incorpora esse compromisso de apoiar a crescente participação de homens no cuidado da criança. O Artigo 6.º recomenda que

[...] os Estados-Membros promovam e encorajem, com o devido respeito pela liberdade do indivíduo, uma maior participação dos homens (no cuidado e educação dos filhos), a fim de alcançar uma partilha mais equitativa das responsabilidades parentais entre homens e mulheres (EC CHILDCARE NETWORK, 1993, p.4).

Essa recomendação estabelece um compromisso e um incentivo para os Estados-Membros da Comunidade Europeia iniciarem ou desenvolverem trabalhos para promover e encorajar uma maior participação dos homens no cuidado e na educação das crianças. Nessa linha, a Rede organizou um seminário internacional em Ravena, em 1993, com a presença de muitos especialistas convidados, para discutir medidas específicas para apoiar a mudança, de forma

¹ European Commission Network on Childcare and other Measures to reconcile Employment and Family Responsibilities. Na língua portuguesa foi traduzido como Rede Europeia de Acolhimento de Crianças e outras medidas para conciliar Emprego e Responsabilidades Familiares. Neste artigo é referida somente como Rede.

a promover maior participação dos homens no cuidado de crianças, como pais e também como trabalhadores dos serviços de educação infantil. Os especialistas concordaram que os serviços de cuidado e educação da criança podem oferecer um importante meio de promoção de mudança cultural na sociedade, assim como um contexto seguro para a exploração de novos papéis, relações e identidades para ambos – homens e mulheres. Entretanto, essas medidas teriam pouco efeito se não houver profissionais de ambos os sexos trabalhando nessas instituições. Aumentar a participação dos homens no cuidado de crianças pode

[...] ajudar a desafiar o modelo de trabalho masculino “tradicional” e a promover novos modelos de trabalho, tanto para homens como para mulheres, que se baseiam no pressuposto de que ambos os sexos têm responsabilidades de cuidado (EC CHILDCARE NETWORK, 1993, p. 10).

Naquela ocasião, a presença de homens em instituições de educação infantil girava em torno de 1% a 3% na maioria dos países europeus, o que levou a Rede ao entendimento de que a melhor abordagem seria aumentar drasticamente o número de homens nos serviços de EI. Muitas iniciativas e campanhas foram criadas, especialmente entre os países nórdicos, para atrair mais homens na educação infantil. A Dinamarca, único país nórdico pertencente à Comunidade Europeia até então, foi bem-sucedida no recrutamento de homens, chegando a um índice acima de 5% no início dos anos 1990 (PEETERS, 2007).

Nesse meio tempo, a Rede trabalhava na elaboração de metas de qualidade para a educação infantil, cujo resultado foi o documento *Metas de qualidade nos serviços para crianças pequenas*, publicado em 1996. Dentre as 40 metas de qualidade a serem alcançadas até o fim do ano de 2006, a meta 29 dizia que “[...] 20% do pessoal que trabalha nos serviços de crianças deve ser constituído por homens” (EC CHILDCARE NETWORK, 1996, p. 24).

Ainda nesse ano, outra importante iniciativa foi feita com a publicação do documento de discussão *Men as workers in childcare services*, de autoria de Jytte Juul Jensen (1996), representante dinamarquesa da Rede e também do Grupo de Trabalho “Men as Carers”.

As atividades da Rede findaram em 1996, e a meta de 20% de homens não foi alcançada em nenhum dos Estados-Membros da EU, em 2006, o que mostra a complexidade dessa questão. Levantamento realizado no contexto do projeto *Systems of early education/care and professionalisation in Europe (Sepro)*, que buscou mapear quem são os profissionais trabalhando com crianças pequenas, indicou que mais da metade dos 27 países que compõem a União Europeia apresenta uma taxa de participação de homens menor que 1%, em especial os que ingressaram na UE depois de 2004. Somente nos países nórdicos a taxa de participação varia entre 4 e 10%, sendo a Dinamarca o país que possui o nível mais alto de participantes do sexo masculino. Em 2007, esse índice era de 1% em creches familiares, 6% em creches (1 a 3 anos), 10% em jardins de infância (3 a 6 anos) e 12% em centros de idades integradas (1 a 6 anos). O índice de estudantes fazendo a carreira em Pedagogia também era alto,

22,5%, proporcionalmente a outros países (OBERHUEMER, SCHREYER, NEUMAN, 2010).

Apesar dos baixos índices, é indiscutível o papel da Rede de colocar a questão de gênero na agenda política do cuidado e educação infantil em vários países europeus, o que implicou também financiamento de vários projetos em diferentes Estados-Membros visando atrair homens para empregos em serviços de educação infantil (PEETERS, 2007, 2013).

Conforme apontam Peeters, Rohrman e Emilsen (2015), nas últimas duas décadas surgiram iniciativas com o fim de atrair mais trabalhadores masculinos na EI, em vários países europeus. A Noruega e a Alemanha investiram em extensos projetos e programas no intuito de aumentar o número de estudantes homens em cursos de formação e trabalhadores do sexo masculino na EI. Alguns países conseguiram aumentar expressivamente a participação masculina, dentre eles figuram: a Alemanha, que tinha, em 2014, mais de 25.000 homens na EI, três vezes mais do que em 1998; a Noruega, onde o número de pedagogos masculinos triplicou de 2.210, em 2000, para 6716, em 2013; Flandres, onde o número de profissionais homens saltou de 193, em 2002, para 875, em 2010; e a Turquia, que apresentou um aumento ainda mais expressivo: de 694 professores de EI do sexo masculino, em 2003/2004, para 3.387, em 2013/2014. Para esses autores, essa abertura para o recrutamento de homens na EI, apesar do baixo índice comparativamente à participação das mulheres, pode representar uma mudança cultural em direção à igualdade de gênero nesse campo. Por outro lado, permanece uma desconfiança geral contra os homens que trabalham com crianças, principalmente pelo medo da pedofilia, que se coloca como um obstáculo ao desenvolvimento de uma força de trabalho diversificada e equilibrada em termos de gênero.

O projeto *Starting Strong*, desenvolvido pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) a partir de 1998, sob a coordenação de John Bennet, também advogou a favor de uma força de trabalho mista na EI (OECD, 2001, 2006), ampliando o debate para além da Europa.

O Brasil também se situa dentre os países com taxa inferior a 5% no que tange ao emprego de homens no cuidado e na educação de crianças. De acordo com o último Censo Escolar (INEP, 2021), há 96,4% de mulheres na docência de EI e apenas 3,6% de homens, num total de 593 mil profissionais que atuam nessa etapa da Educação Básica.

Apesar de a docência masculina na EI ser um assunto presente no âmbito acadêmico há algum tempo, o debate ainda é incipiente no plano político, o que resulta em ausência de regulamentos e orientações para tratar desse assunto de forma não doméstica. Essa questão se agrava ainda mais no atual governo, uma vez que as posturas discriminatórias chegam à expressão da lei. É o caso do Projeto de Lei n.º 1174/2019 (SÃO PAULO, 2019), apresentado na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo pelas parlamentares do PSL Janaína Paschoal, Leticia Aguiar e Valéria Bolsonaro, que confere a profissionais do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na EI. A

proposta foi redigida num documento composto por seis artigos com a regulação dos atributos da função docente por gênero, baseando-se no binarismo de gênero. O PL foi embasado por duas reportagens que mostraram a insatisfação de famílias e da comunidade com a presença de professores homens na EI tanto por questões morais quanto por inadequação, ignorando as recomendações legislativas e orientadoras da EI da indissociabilidade entre cuidar e educar (BAHLS, 2021).

No plano acadêmico o debate tem sido ampliado significativamente, conforme se verá a seguir. Algumas revisões de literatura com esse tema apontam uma crescente produção a partir de 2008 (CAVALCANTI, 2018). Iniciativas relevantes também têm sido tomadas, como: o seminário "Homens na Educação Infantil: debates e proposições científicas em defesa das crianças pequenas", realizado pela Feusp, em dezembro de 2019, para se opor ao PL 1.174/2019, que proíbe homens de trocar fraldas e realizar quaisquer atividades ligadas aos momentos de higiene; e a organização do dossiê "Professores homens na educação infantil: dilemas, tensões disputas e confluências", pelos professores Sandro Vinicius Sales dos Santos e Joaquim Ramos, publicado em 2020 pela *Revista Zero-a-Seis*. Têm destaque, também, iniciativas como o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre homens, masculinidades e educação (Home) e o site Homens na Educação Infantil (homnei.wixsite.com), que tem como objetivo analisar a organização e o movimento dos homens professores da EI sob a perspectiva das relações de gênero, os impasses e os desdobramentos advindos da sua presença nesse espaço, no sentido de criar ferramentas que possam auxiliar a inserção desses profissionais.

Este artigo pretende colaborar para o debate sobre docência masculina na EI a partir de um levantamento da produção acadêmica, no período de 2018 a 2021. O recorte temporal se justifica porque a última revisão de literatura localizada no levantamento feito corresponde ao período de 2008 a 2017 (BONIFÁCIO, 2019). Buscou-se saber que temáticas têm sido investigadas e quais problemáticas têm sido apontadas na produção acadêmica brasileira a partir das bases de dados da BDTD do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

2. Metodologia

Para identificar os estudos sobre a docência masculina na EI na produção acadêmica optou-se pela Revisão Sistemática de Literatura (RSL), o que incluiu um conjunto de etapas específicas, tais como identificar o propósito e os objetivos para, em seguida, planejar o protocolo de pesquisa com os procedimentos a serem seguidos (OKOLI, 2019).

A delimitação do tema foi baseada no interesse em levantar informações sobre as produções relacionadas com a docência masculina na EI, tendo como objetivo identificar as temáticas e problemáticas presentes. As bases de dados consultadas para a busca das teses e dissertações foram as fontes citadas, BDTD e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, reconhecidas nacionalmente com estudos no nível de pós-graduação.



Para identificar as palavras-chave foram considerados os conceitos que envolvem a questão desta revisão, como docência masculina e EI e seus sinônimos. Para o primeiro foram usadas as expressões *professor homem*, *professor sexo masculino*, *docente masculino* e *presença masculina*. Para o segundo, *educação da criança*.

Em seguida, com base na questão e no objetivo da revisão, foram estabelecidos os critérios de inclusão e exclusão, a fim de obter-se uma quantidade significativa de estudos a serem analisados. Os critérios de inclusão foram: produções *stricto sensu* publicadas (dissertações de mestrado e teses de doutorado; origem da publicação no Brasil; publicadas entre 2018 a 2021; banco de dados Capes e BDTD; ênfase na docência masculina em contexto de educação infantil; enfoque na análise da produção acadêmica sobre professor homem na EI; e ênfase na trajetória, inserção, relações de gênero e atuação da docência masculina na EI. Os critérios de exclusão foram: produções de graduação e pós-graduação *lato sensu*; origem da publicação no estrangeiro; publicação anterior a 2018; foco na docência masculina em outra etapa da educação básica; e foco em estudantes e/ou gestores, em qualquer contexto educacional.

As buscas realizadas na BDTD e na Capes mostram os resultados a partir da leitura dos títulos dos documentos localizados. Na BDTD, foram realizadas cinco pesquisas com os descritores: *professor homem*; *presença masculina*; *professor sexo masculino*; *docente masculino*; e *docência masculina* mais *educação infantil* e *educação da criança*, totalizando 24 produções achadas. Na Capes, foram realizadas três pesquisas com *professor homem*, *docência masculina* e *professor sexo masculino* e *educação infantil*, identificando 30 publicações no total. Os documentos localizados nessas buscas foram organizados no *Mendeley*, para armazenar os dados, organizá-los e converter as pastas editadas, já com as pesquisas duplicadas apagadas, para o formato BibTex (.bib), a fim de exportar para o *Parsifal*. Em seguida, deu-se início à seleção dos estudos em função dos critérios de inclusão e exclusão.

Dos 27 documentos reunidos nos dois arquivos, BDTD e Capes, foram considerados "aceite" 18 documentos, sendo 9 "rejeitados".

3. Resultados e discussões

O Quadro 1 apresenta um panorama geral das produções selecionadas no período de 2018 a 2021, com informações como autor/a, tipo (Mestrado ou Doutorado), título, ano de publicação e Instituição de Ensino Superior (IES).

Quadro 1 – levantamento de dissertações e teses (2018-2021)

N.º	Autor/a Tipo: Dissertação Tese	Título	Ano	IES
1	CAVALCANTI, Fernanda Carvalho/D	Questões de gênero na educação infantil: um estado do conhecimento de teses e dissertações identificadas no	2018	Universidade Federal da Bahia



		portal da Capes no período de 2001 a 2015		
2	SOUSA, Amaury Lucatti/D	Narrativas de mim, dos gêneros e da ciência na docência da educação infantil	2018	Universidade Federal de Uberlândia
3	SILVA, Robson Oliveira/D	Narrativas de professores e professoras da educação infantil da cidade de Bagé sobre gênero e docência	2018	Instituto Federal Sul-Rio-Grandense
4	SOUZA, Eliana Batista/D	Quebrando tabus e educando a infância: a permanência de homens nas Unidades Municipais de educação infantil de Belo Horizonte	2018	Universidade do Estado de Minas Gerais
5	BONIFÁCIO, Gabriel Hengstemberg/D	A profissionalização do docente masculino da educação infantil: inserção, estabilidade e atravessamentos	2019	Universidade Federal de São Carlos
6	COUTINHO, Rivanildo Monteiro/D	O docente masculino de educação infantil na Amazônia: como se percebe e é percebido no espaço escolar de Oriximiná/PA	2019	Universidade Federal do Oeste do Pará
7	OLIVEIRA, Livia Machado/D	Redesenhando estereótipos: concepções e práticas de docentes homens na educação infantil	2019	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
8	OLIVEIRA, Adriana Cristina/D	Marcas da docência masculina na educação infantil: experiência, identidade e cotidiano	2019	Universidade Federal de Lavras
9	SANTOS, Ana Célia de Sousa/T	Representações sociais de relações de gênero de professoras/es da educação infantil	2019	Universidade Federal de Pernambuco
10	FÁVARO, Jéssica Daniele/D	Professores homens: suas trajetórias na educação infantil	2020	Universidade Estadual Paulista
11	RAMOS, Clemerson Elder Trindade/D	Quem tem medo do lobo mau? Inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação infantil	2020	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
12	MACIEL, Denis Cardoso/D	Ampliando a perspectiva sobre professores homens na educação infantil: a caracterização desta realidade em São José do Rio Preto – SP	2020	Universidade Estadual Paulista
13	SANTOS, Hugo Leonardo Marangoni de Oliveira/D	Bendito entre as mulheres: um estudo sobre a presença de professores homens na educação infantil	2020	Universidade Estadual de Campinas
14	BAHIA, Rodrigo Zola/D	Sexismo às avessas? Professores homens na educação infantil na Rede Pública Municipal de Educação de Belo Horizonte	2020	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
15	FERREIRA, Eduardo Alberto/D	A voz do professor do gênero masculino na educação infantil e no ensino fundamental I: um sussurro silenciado por paradigmas	2020	Unoeste
16	BARBOZA, Iristeu Gomes/D	Docência masculina na educação infantil: concepções de gestores e de gestoras escolares	2020	Universidade Municipal de São Caetano do Sul
17	SILVA, Marciano Antonio da/D	Professora sim. Professor também. Tio jamais: um estudo sobre masculinidades e docência no contexto	2020	Universidade Federal de Pernambuco

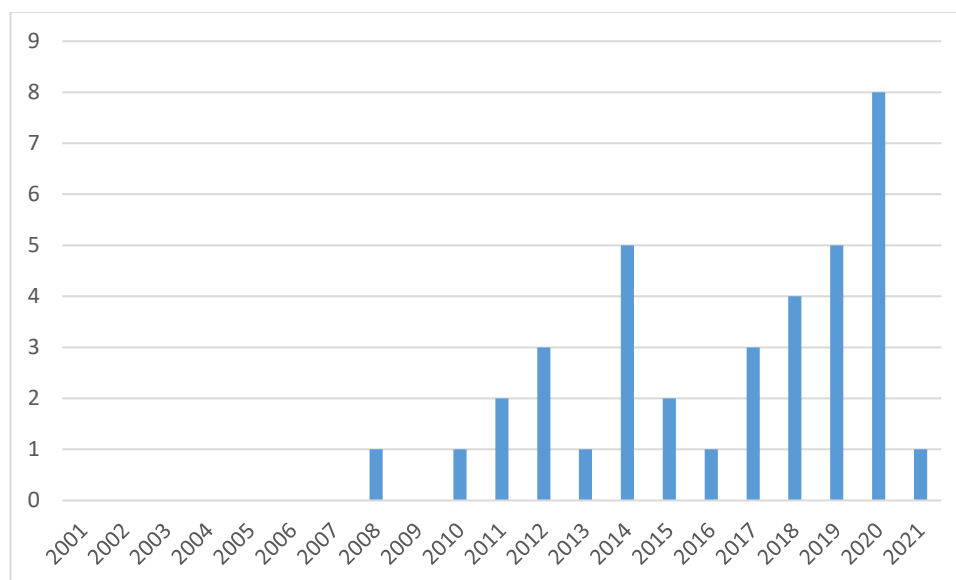
		da educação infantil na região Agreste de Pernambuco		
18	BAHLS, Diego Paiva/D	Gênero e docência na educação infantil: produção de masculinidades docentes em discursos jurídicos e midiáticos em tempos ultraconservadores	2021	Universidade Federal do Paraná

Fonte: As autoras.

Observa-se que duas dessas produções, a pesquisa de Cavalcanti (2018) e Bonifácio (2019), referem-se à revisão de literatura. A primeira trata de um levantamento bibliográfico relativo ao período de 2001 a 2015. Embora com descritores mais abrangentes, gênero e educação infantil, das 42 produções encontradas, 6 se referem, especificamente, à categoria professor homem na EI. Já o estudo de Bonifácio (2019) foca especificamente a docência masculina na EI, buscando identificar achados, potencialidades e fragilidades da profissionalização por meio do mapeamento de estudos de pós-graduação *stricto sensu*, no período de 2008 a 2017. Dessa forma, nossa pesquisa dialoga com as anteriores ao comparar as informações ligadas à quantidade de publicações por ano, local em que foram publicadas e sexo dos/as pesquisadores/as. Também dá continuidade ao levantamento realizado por Bonifácio (2019), delimitando um período subsequente, 2018-2021.

O Gráfico 1 apresenta a quantidade de produções acadêmicas abrangendo o período das três pesquisas.

Gráfico 1 – Número de produções acadêmicas (2001-2021)



Fontes: Cavalcanti (2018); Bonifácio (2019); as autoras.

Observa-se um número crescente de trabalhos produzidos com essa temática. No estudo de Cavalcanti (2018), foram localizados 6 trabalhos a partir de 2008, ao longo de 14 anos (2001-2015). No estudo de Bonifácio (2019),

foram achadas 17 produções acadêmicas, ao longo de 9 anos (2008-2017). Em nossa pesquisa foram encontradas 18 publicações, ao longo de quatro anos (2018-2021), e um pico de produções no ano de 2020. Considerando ainda que a busca foi realizada no fim do ano de 2021, pode ser que pesquisas realizadas em 2021 ainda não estejam acessíveis nos bancos de dados.

Quanto à localização, verifica-se que as pesquisas estão concentradas na região Sudeste, com um leve aumento no Sul, conforme a Tabela 1. Na primeira coluna, referente ao estudo de Cavalcanti (2018), três publicações são da região Sudeste, duas do Nordeste e uma do Centro-Oeste. Não há registros de pesquisas realizadas nas regiões Norte e Sul do país. Na segunda coluna, referente ao estudo de Bonifácio (2019), as pesquisas estão concentradas no Sudeste, com 10 publicações, seguidas pelas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul. Não há registros de pesquisas na região Norte. Em nosso levantamento, o maior número de pesquisas também se concentra no Sudeste, com o total de 11 produções, enquanto no Nordeste se localizam três; no Sul duas publicações, no Centro-Oeste e no Norte, uma.

Tabela 1 – Número de publicações por região

Período Região	2001- 2015	2008- 2017	2018- 2021	Total
Norte	0	0	1	1
Nordeste	2	4	3	9
Centro-Oeste	1	2	1	4
Sudeste	3	10	11	24
Sul	0	1	2	3
Total	6	17	18	41

Fontes: Cavalcanti (2018); Bonifácio (2019); as autoras.

Em relação ao sexo dos/as pesquisadores/as, observa-se que no estudo de Cavalcanti (2018) metade é do sexo feminino e metade é do sexo masculino. Na pesquisa de Bonifácio (2019), foram os homens que mais pesquisaram sobre o assunto, representando 10 pesquisadores, enquanto as mulheres foram 7. Em nossa pesquisa, os homens também predominam como autores das pesquisas, representando o dobro das mulheres, ou seja, 12 contra 6. Disso resulta que o protagonismo masculino está aumentando na produção acadêmica acerca dessa temática, dispendo suas vozes e de outros docentes para relatar vivências e experiências, desafios e incômodos ao adentrar no universo historicamente delimitado como feminino.

4.1 Temáticas das pesquisas

Quanto às temáticas, as pesquisas foram agrupadas em torno de três eixos: Concepções, percepções e representações sobre docência masculina em EI; Relações de gênero e docência masculina; e Trajetórias e permanências na profissão.

As pesquisas reunidas no primeiro eixo, Concepções, percepções e representações sobre docência masculina em EI, investigaram como os docentes masculinos se percebem e são percebidos pela comunidade escolar. São elas: Coutinho (2019); Ramos, (2020); Maciel (2020); Ferreira (2020); Silva (2020); e Barboza (2020).

Coutinho (2019) utilizou a metodologia de estudos de caso múltiplos para analisar a realidade de três professores homens que atuam na EI da rede municipal de ensino de três escolas da zona urbana do município de Oriximiná-PA. A pesquisa foi estendida a outros integrantes da comunidade escolar, tais como: gestoras escolares, docentes femininas, diretora de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, familiares das crianças e crianças de turmas pré-escolares com 4 anos de idade onde trabalham os professores participantes.

Ramos (2020) debruçou-se sobre a presença e o trabalho do homem na EI, tomando como ponto de partida as tensões e os dilemas do trabalho de professores e auxiliares de atividades educativas nos Centros Municipais de Educação Infantil de Goiânia e Aparecida de Goiânia. A pesquisa se deu em duas fases. Na primeira, foi aplicado um questionário on-line que obteve a resposta de 54 profissionais homens na EI, com o objetivo de observar os elementos importantes no processo de constituição da profissionalidade dos homens na EI das duas redes. Na segunda fase, Ramos entrevistou famílias, gestores e profissionais utilizando o Projeto de Lei n.º 1174/2019 da Assembleia Legislativa de São Paulo (SÃO PAULO, 2019), para saber como pensavam e se posicionavam sobre o assunto.

Maciel (2020) buscou caracterizar a docência masculina na EI em um município de médio porte do Noroeste Paulista. Apesar de o foco da pesquisa recair sobre dois professores homens atuantes em duas escolas distintas da rede municipal pública, em turmas de crianças com 4 e 5 anos de idade, também participaram da pesquisa os demais agentes da comunidade escolar na qual atuam os professores. Fez-se uso de entrevistas para os professores homens e as gestoras das escolas e aplicado questionário para os demais participantes: professoras, funcionários, estagiários, agente administrativo e os pais. Também foi feita a observação participante do cotidiano e da prática desses docentes por meio do registro em diário de campo.

Ferreira (2020) propôs analisar as formas de preconceitos vivenciadas pelos professores do gênero masculino, nos anos iniciais da EI e no Ensino Fundamental, em uma cidade de médio porte do Estado de São Paulo. A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 professores homens da EI e do Ensino Fundamental I (1.º ao 5.º ano). Na segunda etapa, foi realizado um grupo focal com o objetivo de discutir os preconceitos sofridos pelo professor homem, a partir do filme brasileiro *Aos teus olhos*, de Carolina Jabor, lançado em 2018.

Marciano Silva (2020) investigou os condicionantes experienciados pelos professores homens no exercício da profissão docente em duas instituições de EI com realidades distintas da região Agreste de Pernambuco. Procurou identificar os principais desafios enfrentados pelos professores homens

cisgênero no âmbito de sua vivência profissional, caracterizar as diversas percepções acerca da atuação dos professores cisgênero na EI por professores/as e auxiliares que atuam nesse contexto e analisar o modo como os docentes homens cisgênero percebem os recursos e as rotinas pedagógicas.

Barboza (2020) buscou compreender as concepções de gestores e gestoras escolares de EI acerca da atuação dos homens nessa etapa da educação básica. O estudo foi realizado em dois municípios da região do Grande ABC paulista, São Caetano do Sul e Mauá, que apresentam peculiaridades e realidades diferentes, buscando identificar se essas diferentes realidades interferem ou não nas concepções dos/as gestores/as sobre o tema da pesquisa. Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com um gestor e seis gestoras de seis escolas municipais de Educação Infantil que contavam com a presença de professores homens na sua unidade.

As pesquisas reunidas no eixo Relações de gênero e docência masculina colocam em questão a profissão docente como domínio quase exclusivo das mulheres, analisando as implicações da presença masculina e identificando como ocorrem as relações de gênero e poder na EI. São elas: Sousa (2018); Silva (2018); Santos (2019); Oliveira (2019); Santos (2020); Bahia (2020); e Bahls (2021).

Amaury Sousa (2018) analisou os modos como o binarismo de gênero, fixado como padrão vigente em nossa sociedade, influencia a pensar que os homens que trabalham na EI estão fora de seu campo de atuação. O seu estudo é de caráter exploratório, no sentido de entender a atuação dos professores homens na EI, a partir da experiência do autor (autobiografia e autoetnografia) e das experiências apresentadas nas teses e dissertações que tiveram como enfoque homens na EI. A memória do autor é registrada a partir de dois lugares: como professor homem e *queer* e como supervisor observando outros homens professores de EI.

Ana Célia Santos (2019) buscou identificar as representações sociais de relações de gênero, analisando as possíveis relações entre as RS e as práticas docentes das/os professoras/es, de modo a compreender como são construídas as relações de gênero na EI. A pesquisa de campo foi dividida em duas etapas. A primeira buscou identificar as representações sociais de relações de gênero a partir de um questionário e uma entrevista com professores de ambos os sexos, em Centros Municipais de Educação Infantil (Cmeis) de Teresina, PI. A segunda etapa procurou identificar as possíveis relações entre as RS de relações de gênero e a prática docente e envolveu observação sistemática da prática docente de professoras e professores.

Lívia Oliveira (2019) utilizou um questionário semiestruturado para analisar como se dá a construção social de docentes homens que atuam na EI, em quatro municípios do RJ, refletindo sobre como atravessamentos sociais, relacionados à perspectiva das relações de gênero, influenciam esse processo.

Santos, H. (2020) realizou uma pesquisa documental e uma pesquisa de campo para debater a dinâmica das relações sociais de sexo e gênero entre professores e professoras na EI municipal de Campinas. A pesquisa documental

foi dedicada à análise de dados dos dados estatísticos e dos documentos oficiais que especificam o cargo de docente na EI. A pesquisa de campo foi realizada com professores e professoras da EI, com vistas a conhecer as trajetórias de formação desses profissionais e as alterações na organização do trabalho, com o ingresso da figura masculina nesse segmento.

Bahia (2020) realizou entrevistas semiestruturadas com professores homens que atuam ou atuaram como docentes em Escolas Municipais de Educação Infantil (Emei) da Rede Pública Municipal de Educação de Belo Horizonte para compreender como se dá a divisão sexual do trabalho docente na EI, problematizando a atuação de professores homens lotados nessa etapa da educação básica e verificando em que medida esses profissionais sofrem o sexismo e preconceitos de gênero, bem como suas estratégias de resistência para permanecerem na profissão.

Bahls (2021) investigou as representações das masculinidades docentes da EI a partir da análise de dois conjuntos de materiais empíricos. O primeiro se refere aos discursos jurídicos, tendo como ponto de partida o Projeto de Lei n.º 1174 de 2019 já citado, que confere às profissionais do “sexo” feminino a exclusividade nos cuidados íntimos, nos momentos de higiene e na troca de fraldas das crianças da EI. O segundo trata dos discursos midiáticos, a partir da análise de 21 reportagens on-line sobre professores homens da EI extraídas de diferentes sites e com recorte temporal compreendido entre 2012 e 2019, incluindo os comentários de leitoras e leitores.

O terceiro eixo, Trajetórias e permanências na profissão, reúne pesquisas que buscam compreender as trajetórias, as condições de ingresso e as estratégias de permanência utilizadas pelos docentes masculinos na EI, sendo as seguintes: Souza (2018); Oliveira, A. (2019); Fávaro (2020), todas realizadas por pesquisadoras mulheres.

Souza (2018) utilizou a entrevista narrativa com seis professores do sexo masculino que atuam em EI, para analisar as táticas e estratégias de permanência utilizadas por homens atuantes na docência da EI da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Adriana Oliveira (2019) utilizou a entrevista aberta e semiestruturada com dois professores homens de EI da rede pública de duas cidades do Sul de Minas Gerais, para investigar as percepções e os olhares de educadores homens sobre sua prática, trajetória de vida e sua relação com a construção de sua identidade docente e suas práticas educacionais.

Fávaro (2020) utilizou entrevistas semiestruturadas e uma roda de conversa com três professores homens que atuavam na rede pública de EI de um município do interior do Estado de São Paulo, com o fim de analisar as principais expectativas, desafios e julgamentos referentes à profissão por eles escolhida, contribuindo assim para auxiliar a desconstruir a ideia de “divisão sexual do trabalho” e o ato de cuidar como algo inerente apenas ao gênero feminino.

4.2 Problemáticas apresentadas nas pesquisas

As problemáticas apontadas nas pesquisas analisadas foram reunidas em quatro categorias que serão apresentadas a seguir: estranhamento; estereótipos e preconceitos; trajetórias e estratégias; e relações de gênero.

4.2.1 Estranhamento

Grande parte dos autores afirma a existência de um estranhamento quanto à presença de professores homens no cuidado e na educação da criança pequena, principalmente quando as crianças são muito pequenas ou meninas e esse convívio envolve cuidados corporais e demonstrações de afeto. Procuramos, nessas pesquisas, compreender quem são os agentes que estranham e o que estranham, como se manifesta e é sentido pelos professores e como é justificado pelos respectivos autores.

As famílias são apontadas como os agentes que mais estranham a presença de professor homem na EI, embora essa conduta seja extensiva a toda a comunidade escolar, incluindo gestores/as e as próprias colegas de profissão, conforme apontam as pesquisas de Silva (2018), Souza (2018), Ramos (2020), Maciel (2020), Silva, M. (2020), Santos, H. (2020), e Fávoro (2020). O questionamento das famílias em geral se dá em relação aos cuidados de higiene, levar ou não levar a criança ao banheiro, trocar fralda ou ir ficar sozinho com ela (BARBOZA, 2020).

Um professor entrevistado na pesquisa de Fávoro (2020, p. 78) relata que uma funcionária da escola e mãe de uma criança da turma que ele atua “acha esquisito” um homem trabalhar com criança pequena. Um dos professores entrevistados na pesquisa de Oliveira, A. (2019) revela que suas colegas de trabalho colocavam dúvida sobre sua permanência por muito tempo na profissão.

O estranhamento também pode ocorrer por parte das crianças, mas ele é justificado mais pela ausência de referências masculinas no contexto pedagógico do que por preconceito. Conforme apontam as pesquisas de Oliveira, L. (2019), Oliveira, A. (2019), Coutinho (2019), Ramos (2020) e Silva, M. (2020), as crianças não questionam a presença do docente pelo gênero masculino, pois não carregam marcas históricas construídas socialmente.

As pesquisas apontam também o lugar de conciliador/a de conflitos que os gestores se colocam, o que faz com que criem diferentes estratégias para lidar com o estranhamento. Barboza (2020) mostra que o diálogo é uma forma que os gestores buscam para intermediar os questionamentos das famílias quanto à desconfiança do trabalho do professor homem na EI.

O estranhamento se manifesta com reações de surpresa, espanto, receio, insatisfação, descrédito, desconfiança, preconceito e resistência. Conforme Silva (2020, p. 201), “[...] a presença dos professores homens é entendida enquanto uma certa anomalia, aberração, pois ultrapassa os limites de uma suposta normalidade”. O estranhamento é sentido como algo errado, fora do lugar, que traz desconforto, discriminação, constrangimento aos professores homens e os

fazem sentir sob vigilância constante tanto pelas famílias quanto pelas colegas de trabalho (SOUZA, 2018; SILVA, 2020; BAHIA, 2020), além do não pertencimento ao ambiente (SOUSA, 2018) ou “corpo estranho” no ninho (OLIVEIRA, L., 2019, p. 115).

O estranhamento, muitas vezes, vem acompanhado de mecanismos de segregação e exclusão que podem manifestar-se de forma explícita ou implícita. No primeiro caso, estão condutas como: evitar a lotação no berçário, incentivar o docente homem a buscar posições hierárquicas superiores, cargos administrativos, ou mesmo abandonar a profissão. No segundo caso, se manifesta em forma de violência simbólica, por meio de brincadeiras, indiretas e insinuações relativas à sexualidade dos professores, revelando que “[...] não é a desvalorização do segmento profissional, e sim a presença do homem em um espaço destinado às mulheres” (BAHIA, 2020, p. 68).

Esse desconforto coloca o docente homem na situação de sempre dar satisfação às famílias e estar sujeito à aprovação da comunidade escolar. Não apenas a sua competência profissional precisa ser comprovada, mesmo que ateste longa experiência na docência na EI, mas, sobretudo, é preciso assegurar que sua masculinidade não apresente perigos para a integridade física das crianças (COUTINHO, 2019).

A despeito de todos os entraves às funções ligadas aos cuidados infantis e à sexualidade dos professores homens, algumas pesquisas apontam que há saídas. Maciel (2020) mostra que a dissolução do estranhamento pela comunidade escolar tem relação direta com o tempo e com as posturas assumidas nesse contexto, tanto pelos docentes quanto pelos demais membros da equipe escolar. Nessa direção, aponta para a postura da gestão escolar como de suma importância para a aceitação dos homens na docência e para minimizar ou potencializar o estranhamento pela presença desses homens. Coutinho (2019) aponta que, apesar do receio inicial, as famílias ficaram mais tranquilas ao acompanhar o trabalho dos docentes. A pesquisa de Ramos (2020) evidencia que o tempo e a maior aproximação e diálogo com esses profissionais são fatores que favorecem para que as famílias ganhem confiança e se tranquilizem a respeito da presença do docente masculino. Mas a devolutiva das crianças quanto à convivência com esses profissionais ganha peso na direção de minimizar a desconfiança das famílias.

Parece haver um consenso de que o estranhamento esteja associado à entrada do docente masculino num ambiente culturalmente constituído como feminino. Para Maciel (2020, p. 166), esse estranhamento advém de diferentes motivações:

[...] a falta da vivência destes sujeitos e destas instituições com a figura masculina atuando na docência infantil; as visões estereotipadas de sexo e de gênero que condicionam à figura feminina habilidades e características ideais para atuar com crianças pequenas e, até mesmo, a suspeição da figura masculina em relação à garantia da integridade da criança em todas as suas perspectivas [...], que reforçam o receio de alguns dos familiares,

principalmente de meninas, em relação aos momentos de higiene pessoal das crianças.

Para Silva (2020, p. 147-148), o estranhamento e a rejeição de professores homens nesse campo profissional têm sido constituídos “com base nas construções socioculturais que estiveram determinando qual o lugar do gênero na arena social”. Nessa visão arcaica, os homens não deteriam certas atribuições que são encontradas apenas nas mulheres.

Reações de estranhamento, manifestadas em forma de desconforto e incômodo e associadas a estereótipos historicamente construídos, também são evidenciadas em pesquisa anterior (HADDAD, MARQUES, AMORIM, 2020) que buscou investigar a compreensão sobre a presença de profissionais homens na EI a partir de grupos focais que discutiram cenas de um filme que retratava a atuação de profissionais homens na Dinamarca.

4.2.2 Estereótipos e preconceitos

Observa-se, nas pesquisas analisadas, que os estereótipos abrangem a figura do homem tanto como autoridade quanto como homossexual e abusador.

Na pesquisa de Bahia (2020), um dos professores entrevistados relata que as professoras questionavam o porquê de ele não assumir cargo de liderança. Para o autor, características gerenciais como força, poder, determinação, autoridade, comando e coragem, que são competências ideais para cargos de liderança para homens e mulheres, quando associados apenas ao homem se tornam estereótipos masculinos, excluindo as mulheres. Para Silva (2020, p. 155), a compreensão em torno da figura masculina ainda se encontra muito limitada, na arena social “[...] os homens são interpelados a partir de um conjunto de estereótipos, sempre ocupando a condição de desorganizados, durões, rígidos, sem paciência, dentre tantos outros adjetivos que reforçam a necessidade de uma masculinidade agressiva”. Dessa forma, “[...] corrobora para a reprodução de um ideal de masculinidade hegemônica, onde os homens são pensados dentro de uma única possibilidade de exercer sua masculinidade”.

Um preconceito anunciado em muitas pesquisas é a associação do homem que trabalha com a educação de crianças como gay, o que se reflete nos questionamentos acerca da sexualidade e masculinidade dos professores (SOUZA, 2018; OLIVEIRA, L., 2019; RAMOS, 2020; FÁVARO, 2020; BAHIA, 2020). Quando o professor demonstra sensibilidade e carinho, a sua orientação sexual é questionada, pois o homem é visto como forte, agressivo e que não demonstra emoções (OLIVEIRA, A., 2019). O gênero se torna secundário quando se trata da orientação sexual do professor, e essa questão tem alguns desdobramentos.

O preconceito com o professor gay é visto como “uma pessoa que comete abusos” (BAHIA, 2020, p. 79), e isso faz com que algumas vezes as famílias peçam a transferência de seus filhos para outra turma (OLIVEIRA, L., 2019) ou que esses profissionais sejam vigiados pelos familiares e algumas pessoas da

equipe escolar por acreditarem que a sua orientação sexual é inadequada para atuar na EI (FERREIRA, 2020). Há relatos de famílias que se preocupam que os professores homossexuais ofereçam perigo, que sejam “influência negativa para as crianças” (BAHLS, 2021, p. 191) ou “doutrinem seus filhos” (RAMOS, 2020, p. 205).

BAHLS (2021, p. 190) argumenta que as masculinidades na docência parecem receber outra interpretação quando articuladas com a homossexualidade, pois, de certa forma, apresentam aproximações com o feminino, podendo “ser interpretado enquanto cuidado maternal”.

O medo do abuso sexual e da pedofilia é um preconceito que provoca suspeitas em relação às atribuições básicas desses profissionais, como higiene, ida ao banheiro ou afeto com as crianças (OLIVEIRA, A., 2019; OLIVEIRA, L., 2019; BARBOZA, 2020; RAMOS, 2020; FERREIRA, 2020; SILVA, 2020; BAHLS, 2021). Como forma de garantir maior segurança para elas, para o professor e para tranquilizar as famílias, a equipe escolar, muitas vezes, não deixa o professor sozinho com as crianças nesses momentos (BARBOZA, 2020), os próprios professores se autovigiam e controlam comportamentos que podem ser mal interpretados (BAHIA, 2020) e se distanciam das meninas em relação às tarefas de cuidado (MACIEL, 2020). Esses posicionamentos tanto da gestão quanto de alguns professores homens em evitar o contato físico com as crianças fazem com que a escola reproduza e reforce os preconceitos com a docência masculina nos cuidados e na educação com a criança, negligenciando uma possibilidade de quebrar estereótipos.

Essa imagem do homem associada ao abusador também é influenciada pela mídia, segundo as famílias entrevistadas por Ramos (2020). Esses estereótipos do homem como abusador também podem ser ilustrados nas reportagens on-line e nos comentários que os apontam como sujeitos incapazes de realizar os cuidados com a criança e por apresentarem riscos às crianças, sustentados por discursos de pânico moral que acreditam que o homem é sexualmente impulsivo (BAHLS, 2021).

4.2.3 Trajetórias e estratégias de permanência

Uma grande parte dos sujeitos participantes das pesquisas relata obstáculos no processo de imersão nas instituições, marcado por tensões, conflitos e inseguranças. Sentem-se recebidos com olhares duvidosos, vivenciam situações de preconceito e com frequência são colocados à prova, sendo sujeitos de monitoramento não só por parte das famílias, mas também do próprio corpo docente (COUTINHO, 2019; RAMOS, 2020).

A capacidade de atuação desses professores é constantemente questionada pelas famílias e pelos colegas de trabalho (SOUSA, 2018; SILVA, 2018; COUTINHO, 2019; OLIVEIRA, L., 2019; FÁVARO, 2020; RAMOS, 2020; SOUZA, 2018; MACIEL, 2020; BAHIA, 2020; SILVA, 2020; FERREIRA, 2020), levando-os frequentemente à indignação e ao constrangimento por não serem

reconhecidos como profissionais que estudaram e passaram no concurso público especificamente para aquele cargo (RAMOS, 2020; SILVA, 2020).

Para serem aceitos e trabalhar com menos tensão, os professores homens recorrem a um conjunto de estratégias: demonstrar competência e mostrar resultados (SOUZA, 2018; SILVA, 2020); estar em alerta e autovigilância (SOUZA, 2018; FÁVARO, 2020; BAHIA, 2020; BAHLS, 2021); e ter embasamento teórico e capacidade intelectual para legitimar as suas ações (SOUZA, 2018; OLIVEIRA, A, 2019). Estabelecer vínculo com as colegas de trabalho, tentar se impor, não se intimidar e destacar-se em relação às colegas também são alguns meios para que esses professores consigam a aprovação da comunidade escolar. Outras formas de garantir a sua presença e evitar embates são: aceitar com passividade as imposições em ocupar as funções destinadas ao professor; escolher turmas de crianças maiores (SOUZA, 2018); e buscar empatia, colocando-se no lugar das famílias (RAMOS, 2020).

Os constrangimentos que os professores homens passam no confronto com as colegas de trabalho ou as famílias, ao questionarem a sua presença para realizar tarefas de contato físico com as crianças, fazem com que esses profissionais adotem alguns procedimentos para a sua permanência, tais como evitar levar as crianças ao banheiro (COUTINHO, 2019), evitar a demonstração de afeto como beijos, abraços etc. (OLIVEIRA, A, 2019; BAHIA, 2020; MACIEL, 2020), provar que não é homossexual (SOUZA, 2018) e não é agressor ou pedófilo (SOUZA, 2018; OLIVEIRA, A, 2019; MACIEL, 2020). Um professor entrevistado na pesquisa de Santos (2020) relatou que, sempre que possível, apresenta a esposa e a filha ou até corta a barba, a fim de atenuar a imagem que as famílias possam ter a seu respeito. Em algumas pesquisas (SOUZA, 2018; BAHIA, 2020) foi possível observar que alguns professores acabaram por desistir depois das variadas tentativas de permanência.

4.2.4 Relações de gênero

Muitas pesquisas evidenciam que as instituições de EI atuam como lugar de produção e reprodução de preconceitos e de manutenção das normas baseadas num determinismo biológico que delineou os papéis de gênero. Assim, reafirmam os modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade construídos historicamente sobre as relações de gênero (SILVA, 2018; SOUSA, 2018; SANTOS, 2019; BAHIA, 2020; SILVA, 2020; FÁVARO, 2020; BAHLS, 2021). Essa reprodução se materializa de várias maneiras e uma delas é a diferenciação das práticas em função do gênero, cabendo ao homem e à mulher tarefas consideradas masculinas e femininas, respectivamente. Na pesquisa de Coutinho (2019), a seriedade, respeito e "domínio de classe" são fatores apontados pelos docentes entrevistados como características próprias de um professor homem para atuar na EI. A associação da figura masculina a uma conduta disciplinadora ou que impõe respeito é constatada na fala dos entrevistados da pesquisa de Ferreira (2020).

A pesquisa de Santos (2020) mostra que as tarefas de troca e higienização nem sempre são permitidas ao homem e acabam por sobrecarregar o trabalho



feminino. O trabalho dos homens fica mais reservado ao pedagógico e às atividades que estejam relacionadas à força física. A pesquisa de Bahia (2020, p. 85) revela que as práticas e vivências na EI ocorrem de forma diferenciada para os homens comparativamente ao que ocorre às mulheres. O fato de serem atribuídas às mulheres habilidades naturais que lhe conferem competências profissionais para sua atuação na EI resulta em que aos homens resta demonstrar as mesmas competências perante testes e provação. Essa não naturalidade no exercício da profissão faz com que se vigiem constantemente, controlando tom de voz e comportamento, e evitem o contato físico com as crianças. Na pesquisa de Ramos (2020, p. 189), alguns gestores afirmam que dividem as tarefas entre os profissionais para não entrar em conflito com a comunidade, que não aceita que os homens realizem tarefas como o banho e a troca de roupas.

5. Considerações finais

Uma linha comum entre as pesquisas levantadas nessa revisão é a evidência de que os professores homens vivenciam a docência na EI de forma muito diferente das professoras, e isso tem implicações práticas.

Nos relatos das pesquisas analisadas é gritante o sentimento de desamparo a que eles são submetidos ao adentrarem no chão do terreno das práticas com as crianças. A imagem que nos acomete é a de um lugar de constrangimento, suspeição, vulnerabilidade e marginalidade, que causa indignação e sofrimento pelo não reconhecimento de suas competências profissionais, sendo considerados apenas pela sua condição de ser homem em um contexto considerado exclusivamente feminino.

Não há impedimento legal para que um homem se candidate a professor ou auxiliar para cuidar e educar crianças. Sendo assim, ele é aprovado em concurso, contratado e lotado em algum centro de EI e fica à mercê dessa comunidade escolar para ser aceito ou não. Aos poucos vai percebendo que aquele ambiente lhe é hostil, que não importa quão competente ele seja para exercer suas funções com profissionalismo, pois está sujeito a julgamentos baseados em crenças e visões sobre diferenças de gênero fundamentadas em um essencialismo biológico. Essa situação se agrava ainda mais dada a grande desproporcionalidade entre homens e mulheres como profissionais da EI, com os homens trabalhando em uma minoria muito pequena. Geralmente há um homem em cada centro, raramente há pares com quem partilhar essas tensões, o que acentua a solidão e o desamparo.

Outra diferença que salta aos olhos é o medo que parece permear as relações conflituosas entre o professor homem e a comunidade escolar. As famílias e a comunidade escolar, por um lado, veem num homem um potencial abusador e temem pela integridade física e psicológica das crianças. Por outro, os professores homens se autovigiam com receio de acusações infundadas, suspeita de pedofilia ou qualquer tipo de agressão contra as crianças. É importante observar que não há tantas evidências de abusos por parte de professores homens para justificar o medo do abuso sexual. Em nosso

levantamento, quatro pesquisas (MACIEL, 2020; RAMOS, 2020; FÁVARO, 2020; SANTOS, 2020) citam relatos de professores que foram acusados de abuso, porém em nenhum dos casos havia evidências ou provas que justificassem as acusações. Esses mesmos autores alegam que o preconceito é direcionado apenas ao homem, e que os casos de abuso ou pedofilia acontecem por ambos os sexos. Dados do Unicef (2021, p. 10) revelam que as meninas representam as principais vítimas da violência sexual, mas a violência doméstica prevalece dentre as características da violência contra crianças de 0 a 9 anos. Ou seja, “[...] tanto as mortes violentas quanto os estupros ocorrem majoritariamente dentro de casa, e tem autores conhecidos”.

O medo de ser acusado de abuso sexual não ocorre apenas no Brasil. Em muitos países isso é motivo pelo qual homens são desencorajados a escolher a profissão da docência na EI (PEETERS, 2013). Esse autor belga mostra como a mídia tem atuado no sentido de desfavorecer avanços nesse sentido. Cita o caso da Nova Zelândia, nos anos 1990, quando o número de homens na EI caiu de 2 para 1%, depois de casos de abuso sexual terem recebido ampla divulgação pela mídia. Menciona também um estudo no Reino Unido que mostrou que 57% dos entrevistados relataram que o risco de pedofilia era uma barreira à contratação de mais profissionais homens na EI. Nos países anglo-saxões, as manchetes alimentam o pânico contra homens no setor da EI a cada caso de pedofilia. Por fim, mostra como a Dinamarca, e também na Flandres (região flamenga da Bélgica), o medo de ser injustamente acusado de abuso é menos presente.

Muitas das pesquisas do nosso levantamento também apontaram que os professores se sentem desconfortáveis e constrangidos pelos olhares de suspeita à sua volta.

Para Bahls (2021, p. 197), essa percepção do imaginário das masculinidades, na condição de identidades docentes que são apontadas como abusadores é

[...] produto de um discurso cultural sobre os homens e sobre o modelo de masculinidade presente e reforçado como norma em todos os setores sociais, seja no modelo tradicional de família, no modelo patriarcal, nas relações coloniais e de povoamento do Brasil ou nas escolas militares que separam os gêneros. A Educação Infantil é apenas uma ponta de uma ordem social instaurada ao decorrer da história.

Outra questão apontada que reflete diferenças entre homens e mulheres na prática docente consiste na divisão de tarefas ou nas restrições impostas ao docente masculino, como: evitar manifestações de afeto às crianças (abraçar, beijar ou colocar no colo); cuidados de higiene (trocar fraldas, roupa, levar ao banheiro etc.); ou mesmo lotar o professor homem nos agrupamentos de crianças mais velhas (4-5 anos). Conforme Peeters (2013, p. 132) “[...] certos comportamentos são aceitos pelas mulheres e rotulados como suspeitos pelos homens”. Se a profissão é a mesma, o que justifica essa divisão de tarefas?

O modo como as relações de gênero está organizado traz uma visão binária que foi naturalizando as mulheres como mais apropriadas a exercer a maternagem, e isso pode ser observado quando famílias e comunidade têm um repertório de crenças e valores socialmente construído com essa concepção (RAMOS, 2020). O mesmo autor (2020) questiona:

[...] se por um lado a maternagem tem se constituído como construto que “desautoriza” o homem no trabalho com a EI, por outro, os cuidados, afetos, carinhos, respeitos e vínculos entre adultos e crianças podem e devem ser realizados também por homens, ou seja, eles podem exercer a paternagem (RAMOS, 2020, p. 210).

A última observação a ser feita é que as decisões tomadas com base nesse binarismo não possuem nenhuma base normativa correspondente, o que afeta diretamente a construção da profissionalidade do professor.

Não há, no Brasil, uma política pública de gênero na EI que promova o debate sobre as relações de gênero, oriente gestores e comunidade escolar como um todo sobre essa questão, ampare os professores homens que adentram esse campo ou promova o recrutamento de homens como professores da educação da criança.

Esta revisão de literatura evidenciou a urgente necessidade de ampliar a discussão sobre docência masculina na EI, situando-a numa perspectiva mais ampla de gênero como categoria básica para compreender o próprio campo profissional. A docência masculina está diretamente ligada à construção da profissionalidade de homens que escolheram abraçar a profissão de cuidar e educar crianças pequenas. Mas essa profissionalidade sofre os vieses de uma profissão historicamente construída sob o desígnio do papel sexual reprodutor da mulher, sem claras referências de perfil profissional e de uma trilha comum de formação. E esse desígnio é sustentado pelo paradigma que atribui à família, e à mulher, em especial, a responsabilidade pelo cuidado e a educação da criança pequena. Isso impõe que a identidade do/a profissional da educação infantil, seja homem, seja mulher, não possa ser tratada de forma dissociada da identidade do campo profissional. Mesmo com tantos avanços legais conquistados nas últimas quatro décadas, ainda falta clareza quanto às referências para a educação infantil como campo profissional que se situa na intersecção do público e privado, dialoga com as questões da infância, da família, dos papéis sexuais e se distingue de outras etapas da educação básica. Consequentemente, surgem dificuldades para a constituição de um novo perfil profissional, que se define mais pelas relações estabelecidas com os outros da instituição (criança, profissionais, pais, comunidade) do que a partir das disciplinas que ministra (HADDAD, CORDEIRO, LO MONACO, 2012).

REFERÊNCIAS

BAHIA, Rodrigo Zola. **Sexismo às avessas?** Professores homens na educação infantil na rede professores homens na educação infantil na rede. 2020. 100 f.



Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

BAHLS, Diego Paiva. **Gênero e docência na educação infantil**: produção de masculinidades docentes em discursos jurídicos e midiáticos em tempos ultraconservadores. 2021. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

BARBOZA, Iristeu Gomes. **Docência masculina na Educação Infantil**: concepções de gestores e de gestoras escolares. 2020. 114 f. Trabalho Final de Curso (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2020.

BONIFÁCIO, Gabriel Hengsternberg. **A profissionalização do docente masculino da educação infantil**: inserção, estabilidade e atravessamentos. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019.

CAVALCANTI, Fernanda Carvalho. **Questões de gênero na educação infantil**: um estado do conhecimento de teses e dissertações identificadas no portal da CAPES no período de 2001 a 2015. 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

COUTINHO, Rivanildo Monteiro. **O docente masculino de educação infantil na Amazônia**: como se percebe e é percebido no espaço escolar de Oriximiná/PA. 2019. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

FÁVARO, Jéssica Daniele. **Professores homens**: suas trajetórias na educação infantil. 2020. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2020.

FERREIRA, Eduardo Alberto. **A voz do professor do gênero masculino na educação infantil e no ensino fundamental I**: um sussurro silenciado por paradigmas. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2020.

EC NETWORK ON CHILDCARE. **Quality targets in services for young children**. Proposals for a ten year Action Programme. Brussels: European Commission Network on Childcare and other measures to reconcile the employment and Family Responsibilities of Men and Women, 1996.

EC NETWORK ON CHILDCARE. **Men as carers**: Towards a culture of responsibility, sharing and reciprocity between women and men in the care and upbringing of children: report of an international seminar, Ravenna, Italy, May 21–22, 1993. Brussels: European Commission, 1993.

HADDAD, Lenira; MARQUES, Claudia Denise Sacur ; AMORIM, Luciano Henrique da Silva. "Eu acho estranho!". Compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 22, p. 409-436, 2020.

HADDAD, Lenira.; CORDEIRO, Maria Helena; LO MONACO, Grégory. As tarefas do professor de educação infantil em contextos de creche e pré-escola: buscando compreender tensões e oposições. **Educação & Linguagem**, v. 15, n. 25, p. 134-154, jan./jun. 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da educação básica 2020**: resumo técnico [recurso eletrônico], 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

JENSEN, Jytte Juul. Men as workers in childcare services. A discussion paper. **European Comission Network on Childcare**, p. 3-55, 1996.

MACIEL, Denis Cardoso. **Ampliando a perspectiva sobre professores homens na educação infantil**: a caracterização desta realidade em São José do Rio Preto – SP. 2020. 226 f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.

OBERHUEMER, Pamela; SCHREYER, Inge; NEUMAN, Michelle J. **Professionals in early childhood education and care systems**: european profiles and perspectives. 1st ed. Verlag Barbara Budrich, 2010. <https://doi.org/10.2307/j.ctvddzxn2>.

OECD. **Starting strong**: Early Childhood Education and Care. Paris: OECD Publishing, 2001. <https://doi.org/10.1787/9789264192829-en>.

OECD. **Starting strong II**: Early Childhood Education and Care, Paris: OECD Publishing, 2006. <https://doi.org/10.1787/9789264035461-en>.

OKOLI, Chitu. Guia para realizar uma revisão sistemática de literatura. **EaD em Foco**, v. 9, n. 1, p. 1-40, 2019.

OLIVEIRA, Adriana Cristina. **Marcas da docência masculina na educação infantil**: experiência, identidade e cotidiano. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019.

OLIVEIRA, Livia Machado. **Redesenhando estereótipos**: concepções e práticas de docentes homens na educação infantil. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Nova Iguaçu, 2019.

PEETERS, Jan. Towards a gender neutral interpretation of professionalism in early childhood education and care (ECEC). **Revista Española de Educación Comparada**, n. 21, p. 119-44, 2013.

PEETERS, Jan; ROHRMANN, Tim; EMILSEN, Kari. Gender balance in ECEC: why is there so little progress? **European Early Childhood Education Research Journal**, v. 23, n. 3, p. 302-314, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1350293X.2015.1043805>.

PEETERS, Jan. Including men in early childhood education: insights from the european experience the influence of the European Union: a brief history. **NZ Research in Early Childhood Education**, v. 10, p. 15-24, 2007.

RAMOS, Clemerson Elder Trindade. **Quem tem medo do lobo mau?** Inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação Infantil. 2020. 379 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos; RAMOS, Joaquim. Dossiê: Professores homens na educação infantil: dilemas, tensões disputas e confluências. **Revista Zero-a-seis**, v. 22, n. 42, nov. 2020. ISSN 1980-4512. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/issue/view/3126> Acesso em: 22 jan. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. **Projeto de Lei n.º 1174, de 16 de outubro de 2019**. Confere a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil e traz outras providências. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000292074#:~:text=Confere%20a%20profissionais%20do%20sexo,com%20crian%C3%A7as%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil>.

SILVA, Marciano Antonio da. **Professora sim, professor também, tio jamais**: um estudo sobre masculinidades e docência do contexto da educação infantil na região agreste de Pernambuco. 2020. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

SILVA, Robson Oliveira da. **Narrativas de professores e professoras da Educação Infantil da cidade de Bagé sobre gênero e docência**. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Pelotas, 2018.

SOUSA, Amaury Lucatti. **Narrativas de mim, dos gêneros e da ciência na docência da educação infantil**. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SOUZA, Eliana Batista. **Quebrando tabus e educando a infância: a permanência de homens nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte**. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

UNICEF. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. Brasília, 2021. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>.

Recebido em: 24 de fevereiro de 2022.

Aceito em: 22 de abril de 2022.

Publicado em: 27 de maio de 2022.